



Cidade contemporânea e apropriação do espaço público: notas de uma análise sensível dos espaços públicos do bairro Botafogo no Rio de Janeiro (RJ)¹

Fernanda Ventorim, Fernanda Dias, Jefferson Araújo, Rachel Corrêa

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense
Rua Passo da Pátria, 156 – Bloco D Sala 541 – CEP: 24210-240 – São Domingos, Niterói, RJ – Brasil, Telefone: (21) 2629-5490
fventorim@gmail.com, fernandpdias@gmail.com, jeffersontomaz@id.uff.br, rachel.mcorrea@gmail.com

Resumo

Os espaços públicos urbanos são elementos essenciais na composição da morfologia das cidades. Ruas, praças, parques e jardins são caracterizados por suas diferentes categorias morfológicas, contudo, convergem semanticamente na atribuição de sentido e signos ao uso social do espaço urbano. Em suas dependências, manifestações da vida pública das mais variadas dimensões os significam como palco da diversidade nas cidades. Nesse cenário, as dinâmicas inerentes à cidade contemporânea, a forma urbana e os usos do solo despontam como indicadores de diversidade, atratividade e vitalidade. A diversidade e multiculturalidade das cidades contemporâneas tendem a se potencializar cada vez mais na busca por espaços urbanos inclusivos e multifacetados. Os usos e apropriações sociais, espaciais e sensoriais do espaço urbano se apresentam com as mais diversas formas de signos e simbolismos característicos. Nesse sentido, a heterogeneidade e complexidade da cidade contemporânea inspiram novos desafios às ciências sociais à luz de novos métodos investigativos. Vários autores têm estudado os impactos do desenho urbano nos campos sensoriais e psicológicos dos habitantes urbanos na apropriação dos espaços públicos. Do mesmo modo, diversos estudos têm relacionado a composição da forma urbana, seus usos e desdobramentos na apropriação da cidade. Em linhas gerais, a morfologia urbana relacionada à vitalidade apresenta-se no estado da arte como um tema necessário à experiência empírica. Nesse campo, uma tendência internacional caminha para pesquisas quantitativas e dados coletados em rede. Essa busca por uma metodologia que possa ser ampliada e replicada em diversas cidades revela, sobretudo, uma atenção à possibilidade de comparar resultados. Entretanto, a natureza uniforme do tipo de análise que resulta destas pesquisas é preocupante, conquanto compreende-se que a cidade se assemelha muito mais a uma força heterogênea e complexa. Sendo assim, este artigo tem como objetivo avaliar a diversidade do bairro Botafogo, inserido na cidade do Rio de Janeiro, e a distribuição espacial das suas concentrações e descontinuidades de vitalidade urbana a partir da leitura do espaço sob a ótica dos autores da corrente percepcionista nos estudos da morfologia urbana. Baseado nas dimensões investigativa e descritiva de uma análise qualitativa, este artigo explora os modos de apropriação social do espaço público com o auxílio das teorias urbanísticas de análise sensível do espaço. Em função, primordialmente, dos estudos de Gehl & Svarre (2018), Jacobs (2000) e Lynch (1982), este trabalho debruça-se em uma análise empírica a partir de observação participante em recorte espacial definido. Por fim, esta pesquisa traz ao debate o fomento da vitalidade urbana por meio das diferentes formas de apropriação social do espaço e propõe questionamentos a respeito da heterogeneidade, das concentrações e descontinuidades da cidade contemporânea.

¹ Este artigo foi realizado com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Palavras-chave

Espaço público; Apropriação social; Percepção do espaço; Cidade contemporânea; Rio de Janeiro.

Introdução

Os espaços públicos urbanos são elementos essenciais na composição da morfologia das cidades. Ruas, praças, parques e jardins são caracterizados por suas diferentes categorias morfológicas, contudo, convergem semanticamente na atribuição de sentido e signos ao uso social do espaço urbano. Em suas dependências, manifestações da vida pública das mais variadas dimensões os retratam como palco da diversidade nas cidades (Gehl, 2010; Jacobs, 2000).

Morfologia, vitalidade ou qualidade urbana são temas que vêm sendo discutidos em conjunto com certa frequência nas pesquisas recentes (Krafta & Faria, 2016). Nesse cenário, as dinâmicas inerentes à cidade contemporânea, a forma urbana e os usos do solo despontam como indicadores de diversidade, atratividade e vitalidade (Netto *et al.*, 2017). A diversidade e multiculturalidade das cidades contemporâneas tendem a se potencializar cada vez mais na busca por espaços urbanos inclusivos e multifacetados. Os usos e apropriações sociais se apresentam nas mais diversas formas de signos e simbolismos característicos no espaço urbano. Nesse sentido, a heterogeneidade e complexidade da cidade contemporânea inspiram novos desafios às ciências sociais à luz de novos métodos investigativos.

Tendo como um dos objetivos a investigação das práticas sociais nos espaços públicos, por diversas vezes efêmeras, fruto de interações e apropriações informais que caracterizam as cidades contemporâneas, optou-se por uma metodologia interpretativa. Sendo assim, este artigo investiga a diversidade do bairro Botafogo, inserido na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, e a distribuição espacial das suas concentrações e descontinuidades de vitalidade urbana. O método de leitura do espaço é realizado a partir das teorias dos autores da corrente percepcionista nos estudos da morfologia urbana. Baseado nas dimensões investigativa e descritiva de uma análise qualitativa, este trabalho explora os modos de apropriação social do espaço público com o auxílio de teorias urbanísticas de análise sensível do espaço.

Em função, primordialmente, dos estudos de Gehl (2010), Gehl & Svarre (2018), Jacobs (2000) e Lynch (1982), o artigo debruça-se em uma análise empírica a partir da técnica de observação participante aplicada *in loco* no recorte espacial definido. Por fim, traz ao debate o fomento da vitalidade urbana por meio das diferentes formas de apropriação social do espaço e propõe questionamentos a respeito da heterogeneidade, das concentrações e descontinuidades da cidade contemporânea.



O artigo encontra-se estruturado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção reúne e discute sinteticamente autores e conceitos referentes ao espaço público na vida urbana, como aporte às análises apresentadas nas seções seguintes. A segunda e terceira seções são dedicadas às percepções dos pontos de atratividade, das continuidades e descontinuidades de vitalidade presentes no bairro e, posteriormente, sua relação com os fluxos de pedestres e automóveis. Já a quarta seção explora de forma mais particular as dinâmicas de uso e apropriação da praça Nelson Mandela, apreendida como um núcleo latente nesse bairro carioca. Por último, as considerações finais trazem uma síntese da investigação, seus limites metodológicos e recomendações a estudos futuros.

Os espaços públicos e a vitalidade urbana na cidade contemporânea

Deslocar-se a pé na cidade é apropriar-se cotidianamente do espaço. Caminhar é estar no ambiente urbano de forma ativa, percebendo a cidade e os detalhes que dela fazem parte. Esta “prática do cotidiano” (Certeau, 1998) além de tecer espaços, possibilita a sua observação e percepção. Pois, ao caminhar é possível fazer “uma leitura da cidade construída com um ponto de vista em movimento e imerso nas dinâmicas do território” (Careri, 2017, p. 18).

Caminhar é uma maneira de criar o mundo e também estar nele. Portanto, é possível rastrear o corpo que caminha nos lugares criados por ele: trilhas, parques e calçadas são rastros da imaginação e do desejo (Solnit, 2016, p. 59).

Michel de Certeau (1998) comenta que a cidade produzida formalmente satisfaz procedimentos “especulativos” e classificatórios, e ao esquecer-se das práticas cotidianas, exclui do projeto urbanístico certos atores, fazendo com que novos discursos contrários aos produtores do espaço se proliferem. O autor enfatiza que o caminhar é uma das mais importantes práticas cotidianas analisadas, em que os “praticantes ordinários da cidade” realizam operações diárias cujo corpo é o responsável por “alterações do espaço” (Certeau, 1998). O ato de caminhar pressupõe apropriações do espaço urbano pelo pedestre, e “se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades e proibições” (Certeau, 1998, p. 177), então o caminhante ao optar por desvios, improvisos ou variações do percurso, cria singularidades e sentidos próprios no espaço público.

Considerando as ruas e praças como verdadeiros espaços públicos tradicionais na vida urbana, Borja & Muxí (2001) defendem o espaço público como uma diretriz essencial ao ordenamento urbano e *locus* da cidadania. O espaço público tem a capacidade de fomentar a diversidade de usos e funções em suas bordas, permitir manifestações sociopolíticas e culturais, possibilitar encontros e estimular vínculos do indivíduo para com a cidade. Dessa maneira, o espaço público é, por excelência, o local da reunião de grupos sociais distintos em um mesmo espaço a propósitos similares (Borja & Muxí, 2001).



Para Hannah Arendt (1983), o espaço público só possui valor se houver interação entre as pessoas, sendo assim, o espaço público abriga sentido fundamentalmente pela existência humana. Portanto, é no espaço público que a possibilidade de interação social entre grupos distintos deve se manifestar em face à diversidade social que compõe as cidades. Jane Jacobs (2000) corrobora essa ideia ao defender a vida pública, a diversidade, as relações sociais e o compartilhamento do espaço público por grupos distintos em coexistência.

Para a autora, a diversidade de usos e pessoas ao longo do dia nos espaços públicos é sinal de uma boa qualidade urbanística e social desses espaços. A essa capacidade de atração da diversidade, em seu sentido mais amplo, e intensa apropriação, Jacobs denomina de vitalidade. Os espaços públicos urbanos devem ser cercados pelos “olhos na rua” e pela diversidade tipológica na composição da forma urbana, uma vez que “[...] as cidades têm como característica uma diversidade de usos complexa e densa. O planejamento deve catalisar e nutrir estas relações funcionais, ou relações de usos” (Jacobs, 2000, p. 13).

Jacobs trouxe à tona imagens sociais da cidade as quais havíamos desaprendido, tais como a importância das calçadas, das ruas, e sua relação com os edifícios; a diversidade de usos em uma mesma quadra, a questão da segurança e da vitalidade urbana secretamente interligadas. Nesse sentido, este trabalho adota o conceito de vitalidade de Jacobs (2000) como sendo a expressão máxima da presença humana, os usos e apropriações sociais do espaço, os sistemas sociais que de alguma maneira interagem no espaço urbano em função da diversidade morfológica.

Indo ao encontro das ideias de Jacobs (2000), Jan Gehl (2010) pontua a importância da interação social na apropriação, ativação e consequente consolidação dos espaços públicos urbanos. O autor defende que os atos de caminhar, permanecer e contemplar os espaços públicos são facilitados a partir da presença do outro, expressando sensação de segurança e bem-estar e, consequentemente, espaços urbanos atrativos e dinâmicos. Para tanto, Gehl ressalta a importância da criação de uma ambiência agradável nos espaços urbanos, que conjugue fatores espaciais, físicos e sociais, bem como a prioridade à escala humana no planejamento urbano, por muitas vezes negligenciada (Gehl, 2010).

Kevin Lynch, em “A Imagem da Cidade”, ressalta que “a paisagem urbana é algo a ser visto e lembrado, um conjunto de elementos do qual esperamos que nos dê prazer” (Lynch, 1982, p. 12). Ao tratar da fisionomia das cidades, sua expressão morfológica e sua apreensão imagética, o autor sugere um método de análise e manipulação da forma urbana a partir do estabelecimento de alguns conceitos básicos: legibilidade, imageabilidade, estrutura e significado. Lynch também aponta cinco elementos



estruturantes da paisagem urbana e da imagem da cidade na memória de seus habitantes: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Nessa perspectiva, percebe-se o valor singular dos espaços públicos na composição da paisagem urbana e na cognição humana.

Jordi Borja (2006) aponta as potencialidades desses espaços e seus respectivos usos como fundamentais à vivência urbana e à ratificação do espírito de coletividade na urbe. Espaços públicos bem projetados e gerenciados seriam capazes de criar âmbitos de segurança, fomentar a diversidade dos sistemas sociais e aprimorar o ambiente construído. Da mesma maneira, as funções desses espaços ativadas simultaneamente – interação social, contemplação, lazer, cultura, comércio e serviços – poderiam condicionar as apropriações dos habitantes urbanos nos espaços públicos, fornecendo diretrizes ao aprimoramento das políticas de planejamento e gestão desses espaços (Borja, 2006).

Ademais, Borja (2006) comenta sobre a face pública oculta de determinados espaços efêmeros e a potencialidade de afirmação do seu caráter público. O autor embasa essa afirmação principalmente por meio de exemplos empíricos que demonstram a apropriação social desses espaços como fruto de atividades comerciais ali instaladas, salientando a relação simbiótica entre espaço público e atividade comercial na vitalidade das cidades capitalistas. Nesse cenário, portanto, é possível inferir que o consumo emerge como uma importante variável ao uso, apropriação e diversidade dos espaços públicos na cidade contemporânea.

Diante do aporte teórico discutido e a partir do objetivo de pesquisa em trazer o debate da vitalidade urbana nas cidades – por meio das diferentes formas de apropriação social do espaço – o recorte espacial foi escolhido², a fim de propor questionamentos a respeito da singularidade e heterogeneidade do bairro Botafogo. A ocupação do bairro seguiu basicamente a mesma lógica da cidade do Rio de Janeiro, que estando contida entre o mar e as montanhas, se alastrou por meio de vales, encostas, lagos, pântanos e planícies (Splan, 1968). Ainda no início do século XIX, a praia de Botafogo começa a atrair a atenção das classes mais abastadas, interessadas pelo clima agradável e pelas belezas naturais, transformando o bairro em local de residência permanente (Abreu, 2006).

Mais tarde, com a oferta de transportes regulares e serviços públicos básicos, Botafogo consolida-se e integra-se de fato à malha urbana da cidade com a diversidade de atividades, tráfego intenso e uma população residente cada vez mais numerosa. A intensificação da oferta de serviços e comércio, no início do século XX, acaba por transformar Botafogo em um novo centro para a cidade (Abreu, 2006). Surgem

² Este artigo é fruto do trabalho final coletivo da disciplina “Morfologia Urbana” ministrada pela professora Dra Thereza Carvalho, oferecida no segundo semestre de 2018, no curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (PPGAU/UFF). A disciplina teve como objeto empírico o bairro de Botafogo (RJ), tendo suas reflexões mais aprofundadas neste artigo.



então novos padrões de lotes e ocupações: edifícios comerciais e residenciais menos valorizados na orla da praia, além de cortiços e vilas, em grande quantidade, nas áreas menos favorecidas do bairro. Defronte dos processos de sua expansão e dada suas principais características, o bairro Botafogo demonstra tamanha diversidade, sendo fundamental para o estudo empírico desta pesquisa.

Vitalidade urbana em Botafogo: percepções e apontamentos do estudo empírico

Jacobs (2000), na página que antecede o texto de seu primeiro livro, adverte: "Todas as cenas que ilustram este livro nos dizem respeito. Para ilustrações, por favor observe atentamente as cidades reais. Ao fazer isso, escute, concentre-se e reflita sobre o que está vendo". O aviso da autora é ademais um convite ao método qualitativo de observação da vida urbana. Gehl & Svarre (2018), por sua vez, sistematizaram seus estudos a partir da observação do espaço público dando ênfase à relação entre vida e espaço.

Dessa forma, esta pesquisa se desenvolveu em virtude de uma experimentação cotidiana em Botafogo e na percepção sensível dos seus espaços públicos. Foram realizadas caminhadas exploratórias como recurso para a observação qualitativa dos espaços, bem como registros fotográficos como parte desta perspectiva metodológica. Ressalta-se aqui a importância da fotografia como uma ferramenta de investigação tanto quanto a observação, pois permite articular diálogos entre o observado e o registrado, pontuando convergências e diferenças entre a percepção do momento e a interpretação das imagens.

Os trabalhos de campo foram realizados em diferentes dias entre outubro e novembro de 2018, as observações individuais e em equipe objetivaram a confrontação de dados. Optou-se por uma variação nos turnos e dias da semana escolhidos para as idas a campo, com o intuito de apreender as dinâmicas locais com maior verossimilhança. Os dias chuvosos foram evitados, à medida que haveria a possibilidade de comprometer os dados caso o comportamento das pessoas em seu cotidiano sofresse influência do clima normalmente atípico na cidade.

Gehl & Svarre (2018) apontam que é preciso elaborar uma lista de perguntas sobre a interação entre vida e forma para cada área a ser estudada. Portanto, o estudo do campo foi direcionado para responder às seguintes questões elaboradas para Botafogo: (1) Onde estão as pessoas? (2) Quais são seus trajetos? (3) Quais usos fazem do espaço? (4) Como elas se apropriam do espaço público? Em resumo, as primeiras impressões a respeito do bairro foram estimuladas pelo interesse em identificar onde estavam as pessoas e o que elas estavam fazendo. A partir deste olhar buscou-se entender a relação das pessoas com Botafogo e perceber características da vitalidade urbana neste bairro.

A partir dos dados coletados *in loco* – registros fotográficos, notas e contagens – foi elaborado um diagrama (**Figura 1**) representando as manchas de vitalidade urbana observadas. O objetivo foi espacializar as vivências no espaço público de forma sintética e visível. Foram sobrepostos dois tipos de manchas, as de cor laranja representam o período diurno e as de cor azul escuro o período noturno, evidenciando as diferenças e convergências entre as espacialidades no espaço urbano. Foram traçadas duas circunferências concêntricas, com raios medindo 400m e 800m e centro posicionado na Praça Nelson Mandela para acentuar as áreas de influência que a praça pode exercer sobre o seu entorno. O primeiro raio, de 400m, alcança a leste a Praia de Botafogo, e a oeste a Rua Dezenove de Fevereiro. Ao norte da Praça Nelson Mandela situa-se a Rua São Clemente e ao sul a Rua Voluntários da Pátria.



Figura 1. Diagrama da vitalidade urbana em Botafogo (RJ)
Fonte: Elaborado por Fernanda Pacheco Dias, 2018.

Inicialmente buscou-se identificar em quais ruas de Botafogo circulavam maior número de pessoas e quais trajetos eram mais frequentes. Os dados de maior relevância para este estudo estão concentrados na Rua Voluntários da Pátria, via onde foi constatado maior fluxo de pedestres, seguida de outras ruas adjacentes com características complementares. A Voluntários comporta-se como uma artéria principal que bombeia sua vitalidade para as demais vias ao seu redor e vai perdendo força ao se aproximar do bairro adjacente, o Humaitá. É perceptível a diminuição na quantidade de pedestres circulando nas ruas no trecho entre a esquina das ruas Real Grandeza e Voluntários da Pátria e o Mercado da Cobal, já no limite administrativo com o bairro Humaitá.

As observações em diferentes horários demonstraram variação de uso entre os horários comercial e noturno. Observou-se que à noite a Rua Voluntários da Pátria concentra suas atividades no trecho entre a Rua Real Grandeza e a praia, com maior vitalidade ao redor da Praça Nelson Mandela, onde localizam-se diversos bares, restaurantes e lanchonetes facilmente acessíveis por ônibus e metrô. Assim como no



período diurno, algumas vias tidas como “secundárias” abrigam a presença de bares e restaurantes, atraindo pessoas para o seu entorno imediato. O fato ocorre principalmente nas vias perpendiculares à Voluntários e São Clemente e quando afastadas deste eixo principal, nota-se que os frequentadores dos serviços chegam a partir de veículo particular. O eixo da Rua São Clemente, por sua vez, apresenta seu clímax de fluxos e usos nos horários próximos da entrada e saída de estudantes nas escolas, assim como a Rua Real Grandeza. Já no horário do almoço, os restaurantes da São Clemente “animam” a rua.

Além de indagar onde estão as pessoas, buscou-se entender que usos fazem do espaço público, como se apropriam dele. Duas praças se fizeram notar por conta da sua vitalidade: a Praça Nelson Mandela, construída sob o metrô, e a Praça Corumbá, vizinha à Favela Santa Marta. A primeira caracteriza-se como ponto de chegada e partida para outras partes da cidade, visto que concentra diferentes modais de transporte público – metrô e variados ônibus. A Rua Voluntários da Pátria, que tangencia uma parte da praça, admite cerca de 39 linhas de ônibus. Além disso, suas bordas oferecem diferentes serviços para públicos economicamente variados, de um lado restaurantes e lojas no térreo de edifícios residenciais, de outro, comércio popular organizado. As duas bordas principais da praça cumprem funções que alimentam a vitalidade em seu centro. A diversidade de usos fixos parece atrair usos temporários, como as barracas do “salgado árabe”, recentemente introduzidas no cotidiano carioca, e demais comerciantes ambulantes.

Em contrapartida, a Praça Corumbá, localizada no acesso da Favela Santa Marta, não apresentou aptidão para distribuir fluxos de pedestres ou atrair pessoas que estivessem “de passagem”. Nas tradicionais mesas de concreto os homens se divertem com jogos e improvisam novas mesas de ferro, as crianças menores correm por entre os brinquedos enquanto suas mães esperam o horário da saída das escolas sentadas em canteiros que servem de bancos. Assim, a praça demonstrou ser um ponto de “parada” para aqueles que talvez tenham pouco acesso a espaços públicos qualificados. Foram encontradas três modalidades de transporte abrigadas pela praça: as bicicletas do sistema Bike Rio, o ponto de ônibus sentido Jardim Botânico e o ponto irregular do moto-táxi. No entanto, a atratividade da praça reside em agregar diferentes interesses ao seu redor, serviços de utilidade pública, como um posto de informação turística para visitar os espaços da favela, uma unidade do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), uma Clínica da Família. Além de estar próximo a escolas, igrejas e residências de diferentes níveis sociais (**Figura 2**).



Figura 2. Praça Corumbá na Rua São Clemente
Fonte: Fernanda Ventorim, 2018.

Um bairro com apenas duas praças de uso significativo à vitalidade urbana deposita em suas esquinas e calçadas largas as mais variadas apropriações socioespaciais. No “diagrama da vitalidade urbana em Botafogo” (**Figura 1**) pode-se notar a recorrente concentração de pessoas nas esquinas do bairro. São os pontos de paradas obrigatórias aos que desejam atravessar as vias, não à toa são também a localização escolhida por comerciantes para estabelecer padarias, bares, lanchonetes, farmácias, etc. A esquina das ruas Dona Mariana e Voluntários da Pátria ilustra bem a diversidade de usos que esse elemento pode oferecer à cidade. No local vê-se convivendo em harmonia lojas, supermercado, padaria, banca de jornal, edifícios residenciais e de serviços, pessoas expondo seus produtos nos galhos das árvores ou espalhados pelo chão, barracas de vendedores ambulantes e pessoas sentadas descansando nos bancos ou nos canteiros. É uma combinação de usos fixos e usos temporários capaz de atrair ampla quantidade de pessoas e práticas no espaço público (**Figura 3**).



Figura 3. Comércio ambulante na esquina das ruas Voluntários da Pátria e Dona Mariana em Botafogo (RJ)
Fonte: Fernanda Pacheco Dias, 2018.

Algumas práticas cotidianas merecem destaque por seu uso espontâneo e não projetado, como por exemplo, as formas de apropriação dos canteiros para vegetação, locados nas esquinas, criados durante o Programa Rio Cidade, em 1996. A intervenção urbana foi fruto de um concurso público realizado na década de 1990, cujo objetivo era promover a revitalização de ruas de uso comercial, promovendo um



“ponto de circulação e encontro de cidadãos, local de trabalho e lazer” (Sartor, 2012, p. 70). No projeto, as esquinas foram pensadas como grandes canteiros para abrigar vegetação arbustiva e impedir a travessia inadequada de pedestres fora da faixa de pedestres, além da criação de espaços de convivência social. Atualmente, apesar da parca manutenção, o que se percebe é que grande parte dos canteiros são apropriados pelos pedestres de diversas formas. É o caso dos vendedores ambulantes que apoiam ali seus produtos, e do pedestre que prefere se sentar na mureta do canteiro do que no banco projetado.

Os fluxos e pontos de atratividade no bairro

Na análise do bairro Botafogo, buscou-se também identificar possíveis relações entre os pontos de atração com expressiva concentração de pessoas e os fluxos intensos de pedestres e automóveis. Vale ressaltar que o foco deste trabalho concentra-se no pedestre, ou seja, na percepção da cidade à medida que este se locomove na malha urbana. Autores percepcionistas, como os já citados anteriormente, buscam em suas análises e proposições, a dimensão ou escala humana, a apreensão e o planejamento de cidades que priorizem as pessoas, os encontros, a socialização, a diversidade e a qualidade de vida. Eles argumentam que caminhar permite uma maior aproximação com a cidade, facilitando o reconhecimento de elementos que estruturam o espaço urbano, atribuindo sentido e reforçando o sentimento de identidade com o lugar.

Como aporte teórico, foram utilizados os conceitos desenvolvidos por Lynch (1982), apoiando-se em suas definições de pontos nodais, vias, marcos, bairros e limites, os cinco elementos que, segundo o autor, compõem a imagem da cidade. Assim, o que aqui é denominado “pontos de atração”, seriam os “pontos nodais” entendidos como lugares estratégicos com focos intensivos para os quais ou a partir dos quais o observador se locomove. Têm a natureza tanto de conexões como de concentrações ou aglomerações, podendo ser, na estrutura morfológica, os cruzamentos, os pontos finais de transporte ou meras concentrações que adquirem importância por ser a condensação de algum uso ou característica particular do espaço. Enquanto isso, as vias são entendidas como canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove e percebe a cidade de modo habitual, ocasional ou potencial.

Segundo Lynch, esses são os elementos predominantes em sua imagem de cidade. Ao longo dessas vias, os pontos nodais se organizam e estabelecem fortes relações entre mobilidade e localização das centralidades. Em Botafogo percebe-se que quanto maior é a oferta de transporte público – especificamente neste caso ônibus e metrô – maior é o fluxo de pedestres e mais dinâmicos são os tais pontos de atração, tornando-se pontos privilegiados. Vale destacar a Praça Nelson Mandela, onde está localizada a Estação de Metrô Botafogo, com duas de suas saídas localizadas diretamente na praça e outras três localizadas em suas bordas. Em suas adjacências também estão distribuídos pontos de



ônibus em grande quantidade, especialmente nas ruas São Clemente, Muniz Barreto, Voluntários da Pátria e Nelson Mandela.

Ao longo dos percursos realizados, perceberam-se fortes relações entre os locais atrativos para a população e os fluxos, que vão além da mobilidade, já que se referem aos usos e atividades exercidas nesses locais. Em Botafogo, algumas atividades realizadas, outras pulverizadas, concentram-se fisicamente em determinadas áreas do bairro. As praças, os centros culturais, as escolas e creches, bem como os inúmeros equipamentos de saúde, acontecem ao longo de todo o bairro, com alguns pontos de concentração. Já atividades comerciais e prestação de serviços específicos – característicos no bairro – ,tais como venda de automóveis e autopeças ou marmorarias, acontecem concentradas em determinadas áreas menos valorizadas economicamente, como a Rua da Passagem, parte da Rua Arnaldo Quintela, a Rua General Polidoro e os trechos, das Ruas Real Grandeza e São João Batista, mais próximos ao Cemitério São João Batista.

O mapeamento realizado neste trabalho determinou três tipos de “pontos de atração”, destacados em cores distintas. No diagrama a seguir (**Figura 4**) é possível identificar as praças (em vermelho), os equipamentos de uso predominantemente comercial (em laranja) e os equipamentos de usos institucionais ou culturais (em amarelo). Destacam-se os locais principais de aglomeração e concentração de pessoas ao longo do bairro, diferenciando-nos pelo tamanho dos ícones.

As praças compuseram uma atratividade específica porque, sendo espaços de uso público, são potencialmente pontos de atração e concentração de pessoas, que se beneficiam do seu caráter, majoritariamente, democrático, diverso e inclusivo. Os equipamentos de uso predominantemente comercial foram destacados em um tipo de atratividade específica, pois se percebe que ao longo destes há um fluxo elevado de automóveis, e principalmente de pedestres, gerando vitalidade e dinamismo para a área onde estão localizados. Vale destacar o caráter comercial do pavimento térreo dos prédios de algumas ruas do bairro, especialmente da Voluntários da Pátria, um reconhecido e dinâmico polo comercial. Esta via, juntamente com a Praça Nelson Mandela, são reconhecidas pelos frequentadores do bairro como “o coração e a cara” de Botafogo.

Na última categoria de atratividades estão inseridos os equipamentos de usos institucionais ou culturais como, escolas, hospitais, igrejas, teatros, cinemas, centros culturais e outros. Neste estudo, foram destacados os maiores equipamentos de saúde, educação e cultura, entendidos como geradores de fluxos de pedestres e automóveis. Nas caminhadas pelo bairro em horários distintos foi percebido que os “pontos de atração” configuram-se centralidades de maior ou menor intensidade em função do horário de realização de suas atividades.

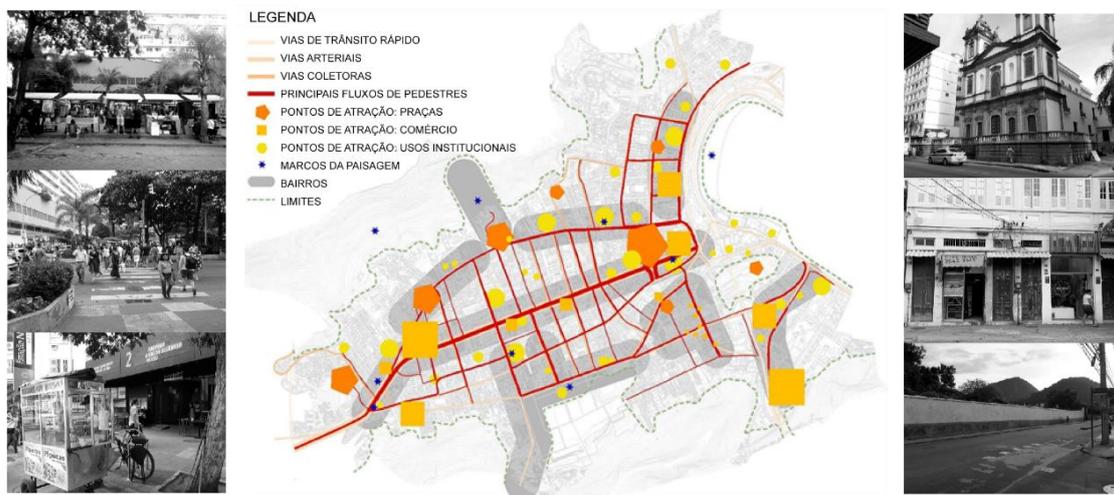


Figura 4. Diagrama com os elementos analíticos da paisagem segundo Lynch (1982).
 Fonte: Elaborado por Rachel Corrêa e Fernanda Ventorim a partir de base cadastral cedida pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2018.

Diferentes percepções são capturadas, por exemplo, ao vivenciar o entorno das escolas no horário de entrada e saída dos alunos e fora desses horários de fluxo intenso. O mesmo se dá em relação aos teatros, cinemas e igrejas. Já em relação aos hospitais e centros culturais essa característica é mais diluída, pois mesmo havendo momentos de maior concentração de pessoas, o movimento é mais distribuído ao longo do dia. Vale ressaltar o grande número de equipamentos relacionados à educação (escolas, creches e outros) e à saúde (hospitais, laboratórios e clínicas) localizados no bairro, dois usos de expressiva atratividade de pessoas.

Os fluxos viários apresentados na Figura 4 foram delimitados pela presença mais ou menos intensa do pedestre nas vias do bairro. Essa análise se sobrepõe e se relaciona, em certa medida, com a definição do Código de Trânsito Brasileiro (CTB) que as divide em quatro tipos, segundo características específicas: vias de trânsito rápido (Avenida das Nações Unidas), vias arteriais (Praia de Botafogo, São Clemente, Voluntários da Pátria, Mena Barreto e General Polidoro), vias coletoras, e por fim, as vias locais. Os tipos de fluxos – pedestres ou automóveis – variaram, em grande medida, conforme os usos e atividades preponderantes nas vias. Já as intensidades destes fluxos variaram conforme a maior ou menor relevância do ponto de atração.

Além disso, dentro dos limites de Botafogo há núcleos menores como os “bairros” definidos por Lynch (1982), com características comuns que os identificam, alguns em claro processo de alteração de uso, tipologia ou padrão econômico. Enquanto algumas dessas localidades apresentam indicadores evidentes de expansão imobiliária e requalificação da paisagem urbana – Ruas Arnaldo Quintela, da Passagem e



adjacências –, outras estão em constante mutação em função de suas características de uso, atividades e tipologias – Rua Voluntários da Pátria e entorno da Praça Nelson Mandela. Alguns núcleos apresentam um caráter mais estável por conta da presença de casarões com proteção patrimonial – Rua São Clemente e adjacências –, enquanto outros indicam um embrionário processo de mudança de padrão de usos e tipologias – entorno do Cemitério São João Batista.

Seus limites físicos são bem definidos pelos três maciços de pedra – Maciço da Tijuca e os Morros São João e Saudade –, a Enseada de Botafogo, a Lagoa Rodrigo de Freitas e o Cemitério São João Batista, os quais fortalecem a legibilidade do bairro, configurando-se como importantes marcos na paisagem. Em De forma complementar, outros importantes marcos edificados compõem a paisagem urbana característica de Botafogo, como o monumento do Cristo Redentor – visto de muitos pontos do bairro –, o Mourisco, o Clube da Guanabara, a Igreja de São João Batista, o Shopping Rio Sul, a Cobal do Humaitá e a favela Santa Marta.

Praça Nelson Mandela: usos e apropriações da “Praça do Metrô”

Em função das observações e análise do espaço realizadas nas atividades de campo, percebeu-se um forte polo de atratividade exercido pela Praça Nelson Mandela, mais conhecida pela população como “Praça do Metrô”, em sua representação imagética cotidiana pelos transeuntes e moradores. Compreendeu-se a praça como o foco e a síntese do bairro, sua centralidade de maior expressão que irradia sua influência ao entorno. Os indícios de vitalidade urbana enfatizados na literatura se assemelham às características sociais e espaciais identificadas no local, desse modo, optou-se por uma aproximação mais detalhada das dinâmicas que envolvem a praça no intuito de compreender certas especificidades de um importante *locus* da vitalidade em Botafogo.

A Praça Nelson Mandela foi percebida como um importante ponto nodal, centralidade espacial e imagética de um centro de bairro fortemente valorizado pelo seu expressivo caráter comercial. Dessa maneira, pode-se inferir que a praça se configura como o *locus* de uma multiplicidade de eventos, relações, conflitos e dinâmicas. Apesar de se caracterizar como um espaço público muito jovem inaugurado em 2011³, a diversidade de relações sociais, expressões culturais, manifestações políticas e atividades econômicas compõem o valor simbólico daquele espaço já consolidado no campo cognitivo da população. Uma profusão de fluxos efervescentes pode ser uma forte característica desse espaço público, tendo em vista o poder de atratividade exercido pelas estações do metrô, localizadas em suas dependências e bordas. Essa centralidade espacial, portanto, extrapola seus limites e contamina suas

³ PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (PCRJ/COMPUR). **Botafogo – Construção da Rua e da Praça Nelson Mandela.** Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165511/4221021/2018.NMandelaCOMPUR.pdf>> Acesso em 02 dez. 2018.



adjacências por meio da consolidação daquele espaço no campo imagético da população ao se considerar a legibilidade do espaço (Lynch, 1982).

A observação sistemática de fluxos, atitudes comportamentais, concentrações, usos e características demográficas apontou a presença de um espaço fragmentado por barreiras físicas e simbólicas na apropriação daquele espaço. Outro aspecto importante a ser mencionado é a variável sazonalidade na apropriação do seu espaço e adjacências. Houve uma nítida discrepância na percepção de usos nas dependências da praça em relação aos horários diurnos e noturnos.

De maneira geral, percebeu-se a praça Nelson Mandela configurada com a presença de três núcleos fisicamente segregados (**Figura 5**). O primeiro abriga a saída F da estação do metrô, a área de estar e jogos, quiosque de floricultura, boa arborização e uma série de ambulantes atraídos pelos fluxos constantes de transeuntes oriundos do metrô e pontos de ônibus adjacentes. O segundo núcleo abriga o espaço física e visualmente segregado da praça cercado por gradis, englobando área de *playground* infantil, academia da terceira idade, área de estar e eixos de circulação – escassamente utilizados – entre as duas ruas que delimitam a praça. Já o terceiro, se caracteriza como uma espécie de resíduo da praça que é fragmentado pela implantação da Unidade de Pronto Atendimento do Governo do Estado do Rio de Janeiro (UPA). Sua área engloba outra saída da estação do metrô, áreas de estar com arborização bem densa e atrativa, bancas de jornal e diversos ambulantes também atraídos pelo constante fluxo de transeuntes oriundos do metrô e do ponto de ônibus adjacente.

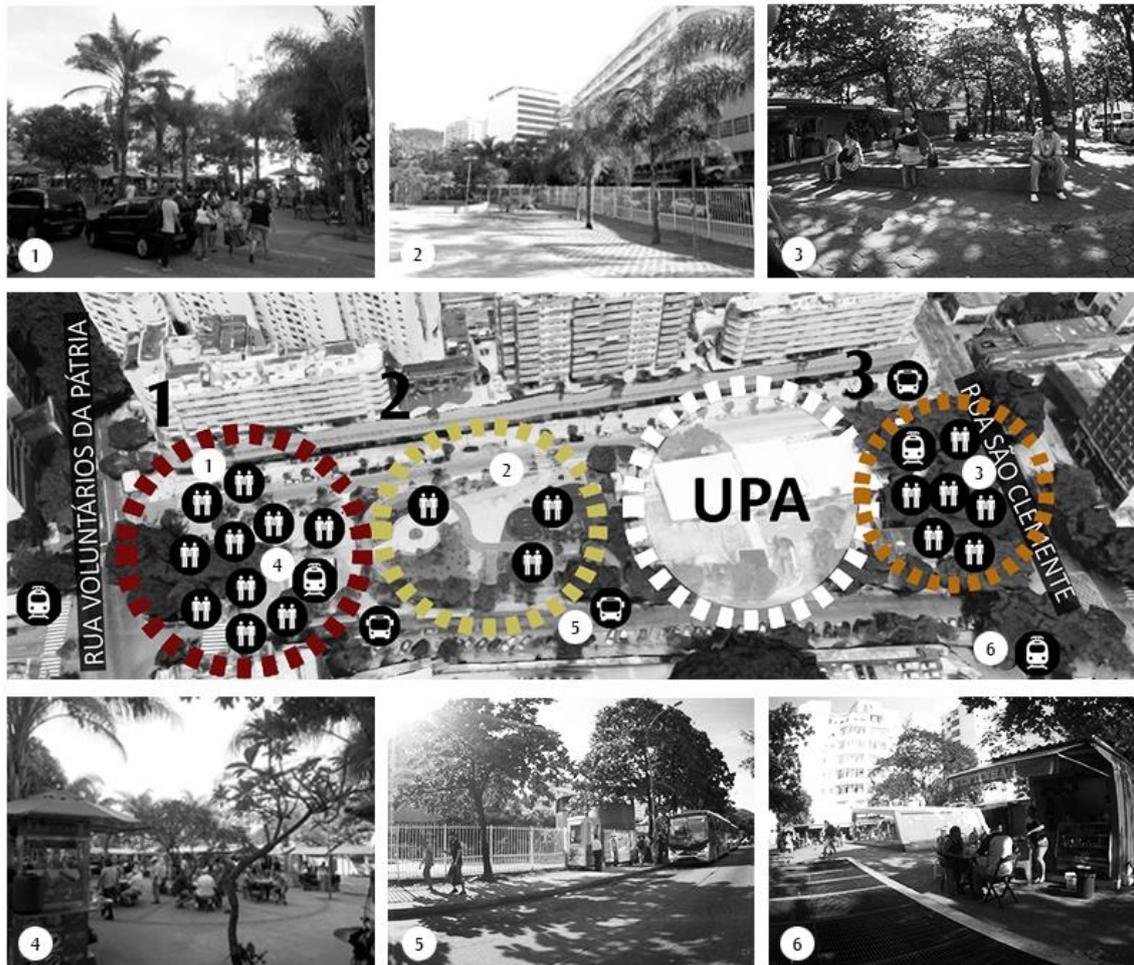


Figura 5. Núcleos, barreiras e apropriações observados na Praça Nelson Mandela em Botafogo.
 Fonte: Elaborado por Jefferson Tomaz de Araújo a partir de base do Google Earth e imagens dos autores, 2018.

O entorno imediato da praça é rico em usos mistos e oferta de serviços urbanos de grande diversidade. Um grande destaque que chamam a atenção é a intensa presença do comércio de rua – formal e informal – em função, principalmente, das demais saídas do metrô e dos diversos pontos de transporte público que alimentam essa centralidade do bairro.

Em relação à apropriação social ao longo dos turnos, a praça apresenta seus espaços mais ativos justamente nos dois núcleos observados em suas bordas, enquanto seu núcleo central – cercado por gradis e com vegetação rarefeita – se apresenta com baixa utilização. Até mesmo os fluxos de passagem ao longo desse espaço central que poderiam se tornar úteis ao encurtamento de distâncias entre os pontos de ônibus de um lado da rua aos comércios das fachadas ativas da rua oposta não se apresentam com devida apropriação pela população em boa parte do turno da manhã e em todo o turno da tarde. Esse fato curioso instiga diversos questionamentos aos propósitos sociais e urbanísticos do cercamento da praça e sua real utilidade naquela ambiência de fluxos efervescentes durante todo o dia.



Durante o início das manhãs observadas, o núcleo central é apropriado por grupos de idosos que praticam atividades de ginástica, contudo, essa parece ser uma atividade pontual de uso daquele espaço. Já ao fim da tarde e em todo o período noturno, a apropriação da praça se torna um pouco mais significativa e seus usos parecem transcender as barreiras físicas dos gradis. Nesse momento, grupos sociais variados se apropriam do espaço para usos diversos, principalmente crianças acompanhadas de seus familiares no *playground* e jovens praticando atividades esportivas, tal como a capoeira. Entretanto, os intensos fluxos de circulação presentes nos núcleos das bordas da praça ainda não se apresentam nesse núcleo central nem mesmo no período noturno.

Dessa forma, pode-se inferir sutis diferenças entre as funções desses núcleos observados na praça Nelson Mandela. Seus núcleos periféricos são predominantemente utilizados como espaço de passagem, pontos de encontro, estar e lazer, e prática de atividades comerciais diversas no espaço público. Atividades estas, que se vinculam fortemente à integração modal proporcionada nessa centralidade do bairro. Enquanto isso, o núcleo central é precariamente apropriado como espaço de permanência e de atividades socioculturais, o que proporciona reflexões a respeito da qualidade projetual e gestão desses espaços na cidade contemporânea.

Considerações Finais

A diversidade da cidade contemporânea emerge como elemento essencial ao planejamento de cidades e espaços públicos democráticos. A temática aqui discutida a respeito da vitalidade urbana, fomentada pelos diferentes grupos sociais e seus modos de apropriação social do espaço urbano, trazem à tona questionamentos a respeito da heterogeneidade, das concentrações e descontinuidades da/cidade contemporânea.

A pesquisa deambulatória combinada com os registros fotográficos e observações sistemáticas procurou descrever práticas sociais que potencializam a vitalidade urbana em Botafogo. O método permitiu a construção de uma narrativa do cotidiano, pautada na escala micro, com o intuito de identificar pontos de maior “atração” e “vitalidade” espalhados pelo tecido urbano. Botafogo se apresenta como bairro de boa legibilidade, o que segundo Lynch (1982), proporciona segurança emocional e locomoção mais fácil e rápida, reforçando a profundidade e intensidade potenciais da experiência humana.

O artigo revelou a importância da dimensão sensível da percepção do espaço como ferramenta essencial à materialização dos projetos urbanos e paisagísticos em uma cidade cada vez mais diversa e multicultural. O planejamento, o projeto e a gestão dos espaços públicos urbanos devem considerar a capacidade inventiva da população no cotidiano face às demandas e urgências do sujeito



contemporâneo. Determinados projetos e ações de gestão frígidos à identidade e às necessidades do bairro podem se tornar barreiras físicas e simbólicas à apropriação social do espaço “planejado”.

A brevidade desta pesquisa e o viés de análise elegido engendram determinadas limitações metodológicas, especialmente no que se refere ao curto tempo para a realização de observações participante e a opção pela ausência de entrevistas qualitativas e/ou quantitativas com a população. A temática discutida neste trabalho está longe de ser esgotada, entretanto, evocou novas discussões a respeito da vitalidade urbana e apropriação dos espaços públicos contemporâneos. As diversas variáveis analisadas e inferências levantadas reacendem as discussões referentes à vitalidade urbana e modelos de gestão nas cidades contemporâneas, instigando um vasto campo de sugestões para estudos futuros.

Referências bibliográficas

- Abreu, M. (2006) *A evolução urbana do Rio de Janeiro*, IPP, Rio de Janeiro.
- Arendt, H. (1983) *A Condição Humana*. Forense Universitária, Rio de Janeiro.
- Borja, J. (2006) Espaço público, condição da cidade democrática: a criação de um lugar de intercâmbio. *Arquitextos*, 6, s/p.
- Borja, J. & Muxi, Z. (2001) *El espacio público: Ciudad y ciudadanía*, Editorial Electa, Barcelona.
- Careri, F. (2017) *Caminhar e Parar*, Gustavo Gilli, São Paulo.
- Certeau, M. (1998) *A invenção do cotidiano 1: Artes de Fazer*, Vozes, Petrópolis/RJ.
- Gehl, J. (2010) *Cidade Para Pessoas*, Perspectiva, São Paulo.
- Gehl, J. & Svarre, B. (2018) *A vida na cidade: como estudar*, Perspectiva, São Paulo.
- Jacobs, J. (2000) *Morte e vida das grandes cidades*, Martins Fontes, São Paulo.
- Krafta, R. & Faria, A. (2016) Morfologia Urbana, o Estado da Arte, *IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, Porto Alegre.
- Lynch, K. (1982) *A imagem da cidade*, Martins Fontes, São Paulo.
- Netto, V., Saboya, R., Vargas, J., Carvalho, T. (2017) (orgs.) *Efeitos da Arquitetura: os Impactos da Urbanização Contemporânea no Brasil*, FRBH, Brasília.
- Sartor, C. E. (2012) Imagem da cidade – cidade da imagem: o modelo de intervenção urbana do Rio Cidade. *Cadernos Metrópole*, 4, 65-91.
- Sociedade de Pesquisas e Planejamento (SPLAN). (1968) *A Renovação Urbana Espontânea em uma área do Rio de Janeiro*, SPLAN, Rio de Janeiro.
- Solnit, R. (2016). *A história do caminhar*, Martins Fontes, São Paulo.